

## **ATENDIMENTO REMOTO A ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECÍFICAS DURANTE A PANDEMIA**

Michele Joia da Silva <sup>1</sup>  
Ilma Rodrigues de Souza Fausto <sup>2</sup>  
Ruth Maria Mariani Braz <sup>3</sup>

### **INTRODUÇÃO**

A pandemia surgiu e com ela, a maior dificuldade de alguns educadores, lidar com as metodologias ativas e utilizá-las na sua prática cotidiana. As metodologias ativas não podem ser confundidas com as tecnologias, são estratégias, abordagens e diversas técnicas específicas e diferenciadas que facilitem o processo de aprendizagem e torne o aluno ativo durante o processo de assimilação de determinado conteúdo. Além desta dificuldade, a questão em torno do ensino de alunos com deficiência e de inclusão também era uma demanda pontual e necessitava de um olhar diferenciado e de suporte, tanto ao aluno quanto para sua família.

Durante este período foi possível perceber como a família se organizava antes e durante a pandemia, além de observar os contextos emocionais dos pais. A escola entrou na casa dos alunos, eles não iam mais à mesma, ela ia até eles. Os professores necessitavam estar preparados em frente a uma câmera para dar aula e acolher os alunos, sem abraços e sem segurar suas mãos. Muitas questões estavam envolvidas neste momento: o emocional, o cognitivo, o estrutural.

Acolher alunos com dificuldades específicas de aprendizagem se tornou algo essencial para manter a inclusão fora dos muros da escola e manter o movimento pedagógico ativo dos mesmos. A junção de ambas as demandas para aplicabilidade no ensino remoto com o objetivo de ampliar habilidades de alunos com deficiência e de inclusão e a sua participação nas aulas e pensar também na limitação e na necessidade específica dos alunos e oferecer apoio diferenciado e individual planejado e personificado para cada um destes, se tornou algo pontual e parte do planejamento dos educadores. Muitas ferramentas precisavam ser

---

<sup>1</sup>Mestranda do Curso de Mestrado em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense – CMPDI-UFF, michelejoia92@gmail.com;

<sup>2</sup>Mestre em Educação Escolar pela Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. E-mail: ilma.rodrigues@ifro.edu.br

<sup>3</sup>Doutora, Curso de Mestrado profissional em Diversidade e Inclusão/UFF, ruthmariani@yahoo.com.br.

estudadas e avaliadas para oferecer tanto para os alunos quanto para suas famílias algo mais prazeroso para aprender e para promover condutas mais atencionais e de aprendizado real.

Justifica-se o suporte diferenciado e individualizado para atuar sobre as necessidades específicas de cada estudante de inclusão e também os que anteriormente não apresentavam necessidade, mas que durante a pandemia, por questões diversas, necessitaram de fazer parte deste público. Favorecer o desenvolvimento intelectual e social, manter vínculo e ampliar possibilidades de aprendizado é de extrema importância, uma vez que estes sujeitos passaram a não frequentar mais a escola e rotinas foram extremamente modificadas. Trabalhar de forma a alcançar os alunos e motivá-los vai influenciar positivamente os atendidos pela proposta.

O objetivo principal deste trabalho é oferecer a alunos de inclusão e público alvo da educação especial atendimento educacional especializado individualizado além de adequações do contexto escolar remoto mantendo estes alunos participativos.

O trabalho a seguir está relacionado a necessidade de apoio pedagógico diferenciado destes alunos e da forma como cada um, na sua singularidade, seria acolhido e qual suporte seria implementado. Para isso, necessitamos avaliar o cronograma das professoras para incluir atendimentos individualizados diários e também a agenda das famílias para incluir nas suas rotinas estes atendimentos. A redução diante da tela também foi pensada e o preparo do ambiente para que o aluno se sentisse em espaço preparado para o estudo e se organizasse neste. As atividades precisavam ser enviadas e finalizadas para validar a participação, assim como a assimilação dos conteúdos e por isso, em algumas situações era necessário filmar. A participação nas aulas tinha como maior objetivo a socialização com o seu grupo de amigos, não sendo validade sua participação, caso não se interessasse. Vídeos foram enviados e grupos com os profissionais que atendem o aluno foram criados para trocas mais pontuais e direcionadas. Aos responsáveis foi criado um portfólio de dicas de como estudar em casa, respeitando as necessidades dos seus filhos e citando os principais transtornos de aprendizagem, também foi incluído na proposta um questionário de estilos de aprendizagem, baseado em Cerqueira (2000) e Tiusso (2018) para reconhecer os estilos de aprendizagem dos alunos que passaram a apresentar durante a pandemia necessidades específicas e emocionais e também para os que eram de inclusão, mas que demonstravam baixo rendimento mesmo estudando e com avaliações adaptadas. Este questionário tinha como foco reconhecer a forma como cada um aprendia e oferecer dicas de estudo de acordo com as respostas dos alunos: CINESTÉSICO, VISUAL e AUDITIVO.



A metodologia para esta prática se deu através de estudos bibliográficos que norteiam a educação especial e inclusiva com autores como MORAN (2018), SASSAKI (1997) e PIAGET (1998). O instrumento utilizado para nortear as coletas de dados em relação a cada aluno, foi o atendimento via zoom com os responsáveis e a equipe escolar, onde foram anotadas as dificuldades específicas enfrentadas no ensino remoto.

A teoria de PIAGET (1998) tem como essência a ênfase na gênese do desenvolvimento do conhecimento o que chamou de epistemologia genética. A inteligência modifica-se a medida que a criança desenvolve-se, partindo de uma inteligência sensório-motora até alcançar o estágio da inteligência, propriamente dita. A partir da relação com o ambiente e com os objetos externos, a criança passa a agir e interagir sobre o mundo, passando ao processo de equilibração, onde aprende mais por participar ativamente do processo até chegar à mediação, processo pelo qual há uma construção e tende a transferir e não copiar. Com isso apresenta desenvolvimento e funcionamento da mente, com uso da linguagem dentro dos aspectos esperados e com influência sobre o meio.

Sassaki (1997) intitula o processo de inclusão diferente e desafiador por efetuar mudanças fundamentais na estrutura e nos procedimentos da instituição escolar. Perpassa por variados momentos da inclusão de acordo com a postura que se deve tomar para sair da integração: sensibilizar e treinar os recursos humanos; reorganizar os recursos materiais e físicos; preparar a comunidade; sensibilizar os pais de alunos com deficiência ou não. A mudança deve ocorrer em todo o espaço escolar e envolver a todos não somente a sala de aula.

Moran (2018) Diz que a mudança tecnológica não trouxe mais aprendizado ou maiores inovações, mas que recriou sentidos e significados em um saber construído e compartilhado em redes com o objetivo de inovar, mudar ações e comportamentos de seus alunos. Criando oportunidades de ensinar competências. Em pleno século XXI reconhecemos que ensinar não é o mesmo que transmitir informações, mas que entender que as crianças nascem com grande potencial para aprender, que constroem conhecimentos e desenvolvem competências. Contudo, esse potencial necessita dos contextos de vida e de aprendizagem para tornarem-se habilidades e reais capacidades.

Cerqueira (2000) cita que o estilo de aprendizagem é a manifestação do indivíduo de frente a uma tarefa de aprendizagem específica. São estratégias particulares que independem de demandas peculiares da tarefa. Não é uma teoria de aprendizagem, contudo traz as características específicas de cada pessoa, de acordo com forma de aprender.

O resultado deste trabalho foi de grande importância para a vida acadêmica dos alunos em questão, assim como na assimilação de conteúdos, participação dos responsáveis e da equipe que atende o aluno, com um trabalho ampliado e em rede. Cada aluno que participou e que foi atendido individualmente demonstrou maior participação nas aulas remotas e no retorno das atividades. As famílias destes alunos se sentiram mais acolhidas e também passaram a realizar as atividades com seus filhos em maiores proporções e mais motivados. Desta forma percebemos que o aluno, mesmo que em grade reduzida de participação remota, esteve mais ativo na sua atuação e aprendeu mais significativamente. Com isso, criamos uma rede de colaboração e ação constante, com a escola ativa em sua metodologia e apoio pedagógico, criando meios de ações inclusivas e de mudança de comportamento em seus alunos, de um modo geral.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos importante que todas as escolas devem ampliar seu olhar para alunos que necessitem de tal e oferecer, dentro de suas possibilidades e esgotamentos atitudes inclusivas, de acolhimento e motivação, tanto do alunado, quanto de sua família. É importante validar novas pesquisas nesta área, visto que o grupo de alunos de inclusão vem aumentando a cada dia e que as demandas advindas da pandemia vão ampliar este grupo.

**Palavras-chave:** Ensino remoto; Inclusão, Educação especial, Metodologias ativas, Estilos de aprendizagem.

### **REFERÊNCIAS**

- CERQUEIRA, T. C. S. Estilos de aprendizagem em universitários. 2000. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, **UNICAMP Universidade de Campinas**, 2000.
- BACICH, Lilian; MORAN, José. (Orgs.). Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: **Penso**, 2018.
- PIAGET, Jean. *Sobre a pedagogia*. São Paulo: **Casa do Psicólogo**, 1998.
- SASSAKI, Romeu Kazumi, *Inclusão, construindo uma Sociedade para Todos*. Rio de Janeiro: **WVA**, 1997.
- TIUSSO, Valéria. *Estilos de Aprendizagem: detecção e estratégias*. São Paulo: **CASA DO PSICOPEDAGOGO**, 2018.